

TRADIÇÃO DAS BENZEDEIRAS E ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM PODCAST NA CIDADE DE SANTANA – AMAPÁ – AMAZÔNIA

TRADITION OF THE HEALERS AND TEACHING OF LOCAL HISTORY IN PODCAST IN THE CITY OF SANTANA – AMAPÁ – AMAZON

Luciano da Rocha Braga ¹

Resumo: O presente artigo comporta uma proposta de pesquisa que pretende discutir a produção de um podcast como recurso didático no componente curricular de História para a discussão da tradição e das narrativas das benzedeadas no ensino de História Local da cidade de Santana-AP, abordando conceitos como o de tradição, ensino de História e História Local, memória, gênero, currículo e, claro, a prática do benzimento e as possibilidades de uso nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais. Dentre os objetivos do estudo destaca-se compreender a importância da memória e da tradição para o ensino de história, identificar as narrativas orais e a tradição das benzedeadas e o lugar que ocupam no currículo com base no Referencial Curricular Amapaense, além de investigar as possibilidades de uso e aplicação da tradição e narrativas orais das benzedeadas nas aulas de História Local através do uso de podcast.

Palavras-chave: Ensino de História. Tradição. Benzedeadas. Currículo. Podcast.

Abstract: This article comprises a research proposal that aims to discuss the production of a podcast as a teaching resource in the History curricular component for the discussion of tradition and the narratives of faith healers in the teaching of Local History of the city of Santana-AP, addressing concepts such as tradition, teaching History and Local History, memory, gender, curriculum and, of course, the practice of blessing and the possibilities of use in History classes in Elementary School in the Final Years. Among the objectives of the study is to understand the importance of memory and tradition for teaching history, identify oral narratives and the tradition of the healers and the place they occupy in the curriculum based on the Amapaense Curricular Reference, in addition to investigating the possibilities of use and application of the tradition and oral narratives of faith healers in Local History classes through the use of podcasts.

Keywords: History Teaching. Tradition. Healers. Curriculum. Podcast.

1 Graduado em História (UNIFAP). Pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira (UNIASSELVI). Mestre em Ensino de História (PROFHISTÓRIA – UNIFAP). Professor de História da Educação Básica do quadro efetivo do Estado do Amapá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5779281154713598>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3339-8345>. E-mail: lucianotucuju@gmail.com

Introdução

O ensino de História, mais precisamente o de História Local, é de suma importância na construção do conhecimento em sala de aula, pois oportuniza a interação e discussão proposta ao educando com vistas a considerar o meio que o cerca e os fatores determinantes em sua vida social.

Segundo Barros (2013, p. 316), o Ensino de História Local busca “dar voz a histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados... foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico”, em uma história marcada por homens e seus grandes feitos, onde a mulher, o negro, o indígena e tantos outros são marginalizados.

O presente estudo dispõe-se a investigar a tradição e narrativas orais das benzedeadas aliadas ao ensino de História Local, dando lugar de voz e trazendo visibilidade para essas mulheres, tendo em vista que, de acordo com Colling e Tedeschi (2015, p. 300), a “história transformou-se em um relato que esqueceu as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução inenarrável, elas estivessem fora do tempo, fora do acontecimento”.

Vale ressaltar que, além de em sua maioria serem mulheres, as benzedeadas são negras, indígenas, amazônicas, detentoras de um conhecimento dotado de solidariedade e cuidado para com o próximo, ou seja, são peças fundamentais dentro de comunidades e grupos sociais urbanos e rurais, o que destaca a necessidade de se aliar os seus conhecimentos ao ensino de História Local.

Isto posto, percebe-se a possibilidade de se utilizar essas vivências nas aulas abordando as temáticas afroindígenas disposta na Lei 11.645/08 (Brasil, 2008) e que, a respeito disto, Bittencourt (2018, p. 142) destaca que o ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena “estão em processo de integração em currículos ainda submetidos à lógica eurocêntrica, mas que anunciam uma formação política e cultural para o exercício de uma cidadania social com vistas a um convívio sem preconceitos e democrático”, oportunizando discussões nas aulas de História que favoreçam o desenvolvimento crítico do aluno.

Mas como tornar o conhecimento da tradição das benzedeadas e suas narrativas significantes para os educandos? A estratégia adotada será a produção de *podcast*, tendo em vista que é uma ferramenta que está de acordo com a realidade dos estudantes, possibilitando um contato mais atrativo e participativo que, segundo Cruz (2009, p. 67), oportuniza a situação de “ao comunicar na linguagem dos alunos, o professor capta o interesse daqueles para os conteúdos curriculares que pretende abordar”.

Metodologia

Assim, a partir das demandas que envolvem as benzedeadas e o ensino de História Local, com base em autores que tratam de conceitos que a pesquisa necessita ser embasada, desenvolveremos uma investigação observando as seguintes etapas metodológicas:

1 – Pesquisa bibliográfica como método para apreensão e levantamento de literatura e investigações que observem a interface entre o Ensino de História, tradição do benzimento e História Local. Para tanto, recorreremos à Gil (2008, p. 50), que ressalta a importância da pesquisa bibliográfica para os estudos históricos, tendo em vista que necessitamos acessar informações que dificilmente teríamos acesso sem o suporte de artigos científicos e livros que discutem os temas que nos propomos a explorar, como relatos de outros pesquisadores e estudiosos.

2 – Pesquisa de campo que se concentrará no levantamento, identificação e entrevista¹ em profundidade com benzedeadas do município de Santana-AP, com a proposta de identificar fragmentos de memória que permeiam a narrativa das sujeitas da pesquisa na experiência de benzimento na cidade de Santana, em uma tentativa de articular essa memória a constituição e formação da história do município.

¹ Baseando-nos em Gil (2008), que destaca na página 109 de sua obra “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social” que “muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social”, percebemos que esse método é a oportunidade de, a partir da fonte de informação que são as benzedeadas, coletarmos os dados necessários sobre a tradição para a construção de nosso estudo.

3 – Elaboração e aplicação de plano de ensino para subsidiar a produção dos podcast, como forma de envolver os estudantes e as sujeitas da pesquisa na confecção de uma ferramenta capaz de estimular o aprendizado e gerar alternativas pedagógicas para uso como recurso de ensino, na difusão dessa tradição para o conjunto da comunidade escolar. Essa fase da pesquisa, tem como objetivo conectar o trabalho de pesquisa bibliográfica e de campo, especificamente, os relatos orais, que serão obtidos a partir da realização de entrevistas com benzedeadas e benzedeados locais, com o intuito de construir possíveis ações para a aplicação desse saber tradicional e das narrativas orais no ensino de História Local, com a elaboração de um produto educacional, juntamente com os educandos, em formato de podcast.

Essa ferramenta de mídia de áudio é um meio de valorizar as narrativas dessas mulheres e, além disso, tendo em vista que esse recurso “pode ser um veículo midiático de problematização de questões sociais e históricas produzidas pelos próprios alunos que perpassam o ambiente escolar, trazendo cidadania e dando voz aos alunos em expressar seus anseios e suas ideias” (Souza, 2017, p. 56).

Porque aliar a Tradição das Benzedeadas e o Ensino de História Local?

Pode-se entender a tradição como um fenômeno transmitido de uma geração para outra (Vansina, 1982), o que acaba determinando a sua continuidade no meio onde ela se manifesta e é aplicada. Assim se evidencia o ofício das benzedeadas, no qual as mulheres e homens recebem de seus antecessores as práticas utilizadas na cura e na reza.

A tradição das benzedeadas está em risco de desaparecer, pois há poucos os que ainda pretendem dar continuidade ao ofício tradicional, o que acaba por revelar uma alarmante situação de possível extinção no meio social e com prejuízo histórico.

Além disso, são poucos os estudos que discutem a importância da tradição das benzedeadas, principalmente no que tange a tradição e o ensino de História Local, mesmo elas sendo atuantes no estado do Amapá, principalmente em lugares em que a assistência à saúde da população é escassa ou sofre com deficiências devida a falta de medicamentos e outros produtos.

Sobre a prática exercida pelas benzedeadas, Silva (2013, p. 8) relata a função social e histórica exercida por essas mulheres e homens no estado do Rio Grande do Sul:

[...] As benzedeadas assumem essa visão holística, quem as procura também. Como explicar o quebrante? O choro, a irritação, a falta de apetite, causado pelo mau-olhado de alguém? Não temos uma doença, mas, um mal que acometeu na pessoa, que agora está doente. A benzedeadas atua na pessoa, tirando o mal e trazendo a cura.

A ação das benzedeadas é baseada na sua fé e de quem solicita o seu ofício, sendo um fator fundamental para o sucesso do empreendimento, trazendo a cura para quem necessita dela, tanto no espírito quanto no corpo. Elas são intuitivas e é através disso, também, que o benzimento ocorre (Silva, 2013, p. 9).

Assim, Menezes (2019, p. 13) explica que o benzimento não é algo simples ou de pouca importância, tendo em vista que a fé é ponto fundamental, onde as benzedeadas acreditam piamente no que estão fazendo, e “quem procura conforto nessa prática deve ir com a mesma fé”, sendo que é essa energia que garante o sucesso do empreendimento.

Segundo Marques, Santos e Sarmiento (2016), as benzedeadas encaram sua prática como fundamental, principalmente em lugares onde a saúde pública não está presente ou com séria deficiência, onde desempenham o papel de curandeadas e parteiras, recomendando chás, “garrafadas”, banhos, dentre outros métodos e ferramentas que auxiliam na cura de males.

Observando a importância do ofício desempenhado por essas mulheres amazônicas, detentoras de um saber empírico e que, por vezes, são esquecidas e deixadas de lado em detrimento de uma história majoritariamente masculina e de heróis, percebe-se a necessidade desse estudo e do esclarecimento à comunidade suas histórias.

Assim, é de suma importância o estudo e pesquisa para apreender maneiras de manter

essa tradição viva, principalmente em nosso Estado e, mais particularmente, a possível utilização dos saberes das benzedeadas nas aulas de história local ofertadas a jovens do 9º ano do ensino fundamental anos finais de uma escola pública em Santana-AP.

Esses saberes tradicionais estão vinculados com a história de vários lugares, inclusive de Santana, que está localizada na Amazônia, sendo de primeira necessidade a manutenção dessa tradição e, uma possível ferramenta, são as aulas de história, pois o “corpus da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma” (Vansina, 1982, p. 158).

A partir disso, qual lugar onde podemos ter a oportunidade de ressignificar essa memória e as narrativas das benzedeadas senão a aula de História e, mais especificamente, de História Local? Tendo em vista que o “meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados... O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas” (Fonseca, 2006, p. 127), o que acaba favorecendo a significância do tema abordado com os educandos, onde terão oportunidade ímpar de desenvolvimento.

Fernandes (1995) colabora ao dizer que o ensino de História Local proporciona a oportunidade de alunos e professores aprender e apreender as peculiaridades e especificidades regionais e, mais além, a grande diversidade cultural e étnica de nossa formação histórica, o que é de grande ajuda na formação de uma consciência histórica e da identidade, pois “Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional” (Barros, 2013, p. 314).

A partir da importância exercida pelo ensino de História Local para o entendimento e valorização da tradição das benzedeadas, Castro e Villacorta (2021, p. 147) afirmam que:

[...] as práticas de benzimento fazem parte do cotidiano das pessoas, dos costumes tradicionais e da cultura religiosa também, merecendo ser reconhecidos de algum modo como detentores de saberes e de um trabalho único. O reconhecimento dos benzedores e de seus saberes populares tradicionais, como o do saber científico, é imprescindível para corroborar a existência de uma epistemologia dos benzedores.

Seguindo esse raciocínio, a professora Circe Bittencourt (2018) salienta que o ensino de História está, atualmente, em um terreno fértil de diversidade de temáticas que abordam História da África e dos afro-brasileiros, dos indígenas e das mulheres, mas que ainda enfrentam grandes desafios para serem efetivados nas aulas.

Assim, percebe-se a necessidade de se fazer valer as políticas educacionais que favorecem e incentivam esses estudos e, no que tange este, a abordagem sobre a tradição das benzedeadas, sendo mulheres (em sua maioria) que desempenham uma tradição com raízes afroindígenas, suas narrativas e o ensino de História estão intimamente ligados ao que determina a Lei 11.645/08 em seu parágrafo 1º:

[...] O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008).

Percebe-se que, a partir da existência de uma legislação que rege, organiza e determina a efetivação de estudos afroindígenas, esta pesquisa está focada em atender necessidades que vão além do currículo, mas que promove a ação para efetivação de reconhecimento, respeito e valorização do ofício das benzedeadas aliado ao ensino de História no município de Santana-AP.

Ao analisar o Referencial Curricular Amapaense – RCA (Amapá, 2019, p. 289), percebe-se a inexistência de uma referência a grupos que constituem a paisagem cultural local como são as benzedeadas. O referencial constante no documento que mais aparenta sugerir um estudo voltado

para esses grupos é o EF08HI-AP02, que consiste na identificação de manifestações culturais afro-amapaenses como marabaixo, batuque, religiosidades, e que foi recomendado para o 8º ano do Ensino Fundamental. Nesse aspecto, vale ressaltar que observar a tradição do benzimento é destacar uma perspectiva de gênero e também uma dimensão epistemológica (saberes tradicionais de mulheres, especificamente) que acabam diluídas na abordagem tradicional de olhar o local pela ótica da tradição cristalizada e homogênea de um rito ou manifestação cultural.

O RCA, de certa maneira, auxilia o professor na organização das temáticas e objetos do conhecimento desenvolvidos na sala de aula, mas também pode levá-lo a adotar o RCA como um guia que deve ser seguido à risca e que não pode ser alterado ou adaptado à sua realidade. Sobre isso, Carvalho Filho (2012, p. 91) salienta que, a partir do:

[...] currículo para os manuais e livros didáticos, tais orientações, devido à importância que estes têm no planejamento das aulas e nas práticas dos professores assumem a condição de documento prescritivo, determinante para as ações dos professores nas atividades de planejamento, ensino, e até de estudo.

Analisando a deficiência dos documentos que regem a educação brasileira, cabe ao professor o papel de se apropriar desses regulamentos, observá-los criticamente e adaptá-los à sua realidade, à realidade dos educandos, para que o ensino de História se torne significativo para o aluno, principalmente quando tratamos da História Local, por onde experiências, vivências e práticas nem sempre tematizadas nos currículos ou na historiografia oficial tornam o processo de ensino nessa área um terreno a ser construído a partir da realidade local.

Isso não significa deixar de lado o RCA, nem desenvolver temas e abordagens do cotidiano de forma isolada, mas problematizar e ampliar a perspectiva de que o currículo não é um sistema de referência fechado; ao contrário, está aberto a apropriações, sendo construído no momento de sua implementação. Isso porque estão inseridos nos processos históricos que ocorrem e se desenvolvem de forma geral no Brasil e no mundo (Barros, 2013, p. 311).

O reconhecimento e valorização à tradição e as narrativas deveria partir de nosso RCA devido a presença do benzimento em nosso Estado, mas como já mencionado, não há nada que remeta ao estudo sobre o ofício das benzedeadas em suas linhas, revelando a estrutura e relações de poder que desfavorecem a mulher em sua história, o que confirma a necessidade de se estabelecer como prioridade a contribuição dessas mulheres amazônicas que estão cotidianamente sendo parte da História Local, além de identificar e reconhecer seu silenciamento (Colling, 2010, p. 41).

Com os alicerces cingidos ao corpo da pesquisa a partir de autores que discutem tradição, memória, ensino de história e, principalmente, a prática do benzimento, buscarei explorar, não com o intuito de esgotar, mas de fomentar o interesse aos estudos sobre atividades regionais de importante lugar em nossa sociedade e que devem fazer parte efetiva das aulas de História em nosso Estado.

Ao estudar o ofício das benzedeadas, as autoras de Castro e Villacorta (2021, p. 157), assumem e declaram essas mulheres como fontes vivas da História pois é “perceptível, ainda, que a reprodução de determinadas frases pode ser estimada como uma forma de manutenção da memória, característica de sociedades que se baseiam na oralidade”, o que torna o dever do professor/pesquisador, de buscar e desenvolver métodos e estratégias para o desenvolvimento do conhecimento em sala de aula da tradição e das narrativas das benzedeadas e benzedeados em conjunto com o ensino de História, ainda mais claro.

Com isso, percebemos como é imperativa a necessidade de se estudar e conhecer as narrativas e o ofício desempenhado pelas benzedeadas e benzedeados do Estado do Amapá, principalmente do município de Santana, nas aulas de História Local, tendo em vista que é um conhecimento tradicional e que revela a riqueza e importância da cultura e religiosidade da nossa região.

[...] Às práticas tradicionais empregadas pelas benzedeadas e benzedeados quilombolas, na promoção da cura e proteção, alia-se uma religiosidade sincrética pelas influências culturais

das matrizes africanas, católicas e indígenas, produto dos contextos históricos específicos que marcam o povo brasileiro. (Mendes; Cavas, 2018, p. 4).

O ofício das benzedeadas e benzedeados é munido de uma tradição que revela um sincretismo religioso que une o afroindígena ao católico (europeu), o que acaba por revelar a grande comunicação existente entre as diversas culturas e etnias que resultam os brasileiros e, em seu bojo, o povo da Amazônia.

Em território amazônico, também vivenciamos a miscigenação e comunicação entre culturas e etnias de forma muito intensa e perceptível no cotidiano, tendo em vista que “as práticas de espiritualidade afroindígenas na Amazônia são inter-raciais e interculturais, elementos de diferentes culturas, regiões e credos dialogam harmoniosamente e de forma bricolage, gerando novas possibilidades de identificação cultural e territorial” (Bezerra; Videira; Custódio, 2020, p. 130).

Com o objetivo de buscar os devidos processos e meios que nos auxiliem na efetivação de desenvolver o ensino de História com o auxílio da prática das benzedeadas, propomos discussões a respeito da tradição e memória, seguida de estudos sobre o ensino de História, mais precisamente de História Local, instigando o debate que dá ênfase ao problema selecionado.

Assim, o problema de pesquisa se manifesta questionando de que forma as narrativas orais das benzedeadas e a tradição do benzimento podem contribuir com o ensino de história local do Amapá para estudantes do 9º ano em uma escola pública em Santana-AP?

A partir dessa problemática pretendemos analisar as possíveis alternativas teóricas capazes de subsidiar o desenvolvimento de um produto digital, o podcast², como ferramenta para envolver os estudantes no processo de ensino-aprendizagem, pois o acesso e uso das tecnologias por esse grupo social, permite potencializar competências digitais de produção e difusão de conhecimento sobre a História Local, escasso no sistema público de ensino, estimulando processos educativos participativos.

Assim, o estudo será desenvolvido com vistas a utilizar de tecnologias agradáveis e confortáveis aos estudantes, principalmente com o auxílio de seus smartphones, observando que utilizam o aparelho de forma constante nas aulas, além da possibilidade de ser uma forma de dar qualidade e valor educacional em sua manipulação; juntamente com pesquisa de campo envolvendo observação e registro das memórias e narrativas, com o objetivo a apresentar esse conhecimento aos estudantes de Santana com o intuito de conhecimento e valorização dessa tradição que muitos podem até vivenciar, mas poucos enxergam a presença em seu meio.

Um olhar sobre outros autores

A proposta de desenvolver um estudo e pesquisa sobre a tradição das benzedeadas e o ensino de História, partiu da necessidade de se estudar em nossas escolas a nossa história local e proporcionar o conhecimento aos estudantes de características que são caras à nossa região amazônica e que, por vezes, não são percebidos ou dado o devido valor.

Da mesma forma como muitos estudos são desenvolvidos, no início é necessária uma pesquisa a partir de autores que discutam sobre o assunto ou sobre conceitos que cooperem com o desenvolvimento do estudo, para tanto buscamos um aporte teórico organizado nos conceitos de tradição (Vansina, 1982; Bergamaschi; Medeiros, 2010. Galzerani, 2008), Ensino de História e História Local (Barros, 2013. Bittencourt, 2018; Carvalho Filho, 2012; Fernandes, 1995) e, claro, a prática das benzedeadas (Silva, 2013; Mendes; Cavas, 2018; Castro; Villacorta, 2021; Bezerra; Videira; Custódio, 2020).

A partir da pesquisa inicial, percebemos a discussão dos autores em torno de suas temáticas e linhas de pesquisa com muita propriedade e segurança do que é levantado, assim destacamos duas características muito problematizadas e que vem contribuir com o estudo proposto de forma significativa no que tange a comunicação e a oralidade, duas características presentes na tradição

2 [...] é um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na Internet. (Primo, 2005, p. 17 apud Cruz, 2009, p. 66)

das benzedeadas e no estudo da História.

Vansina (1982, p. 157) defende que uma “sociedade oral reconhece a fala não como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral”. A partir dessa afirmativa, reconhecemos a integração da comunicação e da oralidade no que concerne à preservação da tradição de um grupo como o das benzedeadas, ao qual esse trabalho busca elucidar e ajudar de certa forma com a possível preservação dessa tradição.

Em consonância com Vansina (1982), Silva (2013), ressalta a importância da comunicação, afirma que o saber das benzedeadas é tão tradicional que não é possível achar uma oportunidade de benzimento por telefone, listas, sites, etc., mas é no “boca a boca”, na experiência de quem já foi agraciado pelo dom, que se acha uma benzedeadas.

Além de comunicação como forma de informação, vale destacar que a comunicação no ato do benzimento é o que determina o sucesso no empreendimento, ou seja, o processo que conduz a pessoa à cura depende do alinhamento entre ela e o ofício dos benzedeadas, e que estabelece “[...] entre os sujeitos envolvidos uma estreita relação de reciprocidade social e simbólica” (Freitas; Sardinha; Silva, 2022, p. 383), como é o caso da prática de benzedeadas da Comunidade Corre Água do Piririm no estado do Amapá.

Dessa cumplicidade na comunicação, destaca-se a oralidade, que também se revela como uma das ferramentas que sustentam a tradição, que nada mais é do que a informação oral comunicada/transmitida de uma geração para a outra (Vansina, 1982, p. 158) em um conjunto de saberes, símbolos e práticas que surgem a partir da memória de pessoas, costumeiramente, mais velhas dentro da comunidade.

[...] Por viverem a ameaça de extinção, os saberes transmitidos pela oralidade adquirem uma perspectiva agônica, que faz a tradição e a memória serem acionadas com veemência... Em sociedades orais, a memória é evocada e recriada permanentemente, mas é no presente que as lembranças e os esquecimentos adquirem significados e é no presente que os saberes ancestrais são recriados, por meio das palavras de quem transmite esses saberes, em geral pessoas mais velhas da comunidade, também reconhecidos como (guardiões da memória) (Bergamaschi; Medeiros, 2010, p. 65).

Assim, a tradição do ofício das benzedeadas, além do dom recebido, também carrega a necessidade de se repassar todos os conhecimentos da prática para a posteridade, para que outros possam dar continuidade e evitar o fim da tradição, onde “as benzedeadas e benzedeados mantêm seus saberes e práticas, segundo o repasse intergeracional, que não é limitado às suas famílias” (Mendes; Cavas, 2018, p. 10), mas aos que pretendam dar continuidade ao conhecimento recebido.

E esse conhecimento tradicional de bção e cura ainda se mantêm sendo solicitado constantemente, principalmente em locais onde a assistência médica ainda é muito precária ou mesmo nos grandes centros onde a fé na tradição do benzimento leva pessoas que, por já conhecerem a prática ou terem recebido indicação de pessoas de confiança, procuram ajuda com essas mulheres e homens que dão o que receberam sem cobrar por nada.

Vale destacar que, na prática das benzedeadas, o acordo monetário se revela na fé do benzedeadas e de quem o procura, é “a moeda de troca no ato de comunicação que é o benzimento” (Freitas; Sardinha; Silva, 2022, p. 401), pois é sabido que o benzimento “não é uma prática qualquer, exige muita fé. Quem benze acredita piamente na eficácia dos seus métodos, e quem procura conforto nessa prática deve ir com a mesma fé. A energia ali concentrada é o que faz chegar ao resultado” (Menezes, 2019, p. 13).

Castro e Villacorta (2021) destacam que o benzimento é uma “arte intercessora” entre o que a benzedeadas fala/reza e o sagrado que é quem age sobre as doenças e enfermidades, físicas e espirituais, de quem procura pelo serviço. Assim, é o ato de tornar benzido/sagrado alguém ou algo, o que leva ao resultado que é a cura. Entretanto, segundo Bezerra, Videira e Custódio (2020, p. 126), as benzedeadas e benzedeados “não são donos da dimensão sagrada ou da espiritualidade,

mas guardiões do patrimônio sobrenatural e elos entre o mundo espiritual e o material”, sendo os responsáveis pela comunicação entre o sagrado e a pessoa necessitada da benção.

Freitas, Sardinha e Silva (2022, p. 407) contribuem com a discussão, quando esclarecem que:

[...] No ritual de benção está a ideia de proporcionar a quem a procura um conforto ao seu sofrimento. Por esse motivo, este ritual é carregado por orações, objetos e indicações de remédios junto do conforto expresso na palavra de quem benze. Neste sentido, o diálogo é o primeiro contato entre o benzedor e o paciente, no qual o paciente relata suas angústias e dores, e logo após esse momento de troca de informações, o benzedor inicia o ritual, carregando na mão um ramo de uma planta com poder sensitivo, como catinga-de-mulata, arruda, mucuracaá, cipó-de-alho, entre outras. Ao término do benzimento, é ensinado ao paciente um remédio à base de chás e ervas medicinais.

Os autores destacam acima o procedimento do ritual de benzimento, que é estabelecido pelo diálogo, pela comunicação entre os interessados, bem como as ferramentas utilizadas como rezas e orações, palavras e símbolos, chás e garrafadas e, a respeito desses últimos, Mendes e Cavas (2018, p. 11) destacam que:

[...] As benzedoras e os benzedores conhecem as plantas, as ervas e os vegetais e suas propriedades terapêuticas. Sabem a hora de utilizar as folhas, o caule e a raiz, dependendo do emprego da bebida, que pode ser ingerida quente ou fria para desmanchar, limpar, ações que têm o sentido de expurgar o mal quando utilizadas em banhos ou vomitórios com as mesmas finalidades.

Percebe-se o valor dado ao uso de ervas e plantas pela benzedora (possuindo, até mesmo, horários próprios de colheita) e da intimidade em se trabalhar com elas, que vão desde o preparo de chás ao de garrafadas, unguentos, banhos, dentre outras possibilidades e usos para determinadas plantas de acordo com a necessidade. O uso dessas plantas não ocorre à toa, ela serve ao ritual e para o seu sucesso, como bem afirmam Freitas, Sardinha e Silva (2022, p. 399), o ritual “é acompanhado de objetos e símbolos que transmitem ao paciente uma atmosfera de sentidos, uma simbologia útil para a compreensão e o envolvimento desses sujeitos nos processos de cura”.

Fica claro como a tradição das benzedoras é alimentada e sustentada pela memória o que segundo Barros (2013, p. 312) “é a presença do passado”, a tradição oral envolvendo a comunicação, a interação entre pessoas e o sagrado, simbologia e história que são muito caros ao componente de História no que tange o conhecimento de práticas que ocorrem no cotidiano não só do professor, mas também do estudante, além de seu desenvolvimento crítico como cidadão consciente de sua realidade.

Sobre essa realidade presente no meio social tanto do educador quanto do educando, Fonseca (2006, p. 132) destaca que “o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica”.

A experiência cotidiana dos personagens que atuam nas aulas de História Local proporciona muitas possibilidades de se abordar os conteúdos devido as suas vivências no meio em que atuam, dentro e fora do espaço escolar, balizados pelas novas frentes de estudos e propostas metodológicas no ensino:

[...] A possibilidade de o conhecimento histórico introduzir no espaço escolar as experiências vividas pelas pessoas comuns e trabalhar metodologicamente essas experiências por meio de documentos acumulados ao longo da vida, tornou-se possível graças às novas abordagens do pensamento historiográfico contemporâneo. (Barros, 2013, p. 306).

Esse autor adverte quanto a necessidade de estarmos sensíveis às histórias do cotidiano, àquelas esquecidas pela historiografia tradicional e que são importantes para o conhecimento e apropriação dos educandos e dos educadores, principalmente em nossa rede pública de ensino, mostrando que a sociedade, o cidadão comum, não está alheio às transformações, mas que é um ator participante na construção da nossa História, e à isso cabe e define a importância de estudar em sala de aula, nas aulas de História e de outros componentes, a tradição das benzedeadas.

Dessa forma, quando falamos na tradição das benzedeadas, estamos nos referindo à um saber empírico, transmitido oralmente, um conhecimento tradicional que, por vezes, é desvalorizado pela ciência e, como ressalta Cunha (2007), ambas são maneiras de entender o mundo em sua volta, mesmo o conhecimento científico tendo uma característica de verdadeiro e absoluto.

Mendes e Cavas (2018, p. 11) corroboram com a análise acima discutida relatando que muitas benzedeadas e benzedeados recomendam, para determinadas aflições, ajuda médica mesmo com a administração de chás e banhos. Infelizmente, não é o que acontece quando o sujeito vai à uma consulta médica.

As pesquisadoras Castro e Villacorta (2021, p. 149), em seu estudo sobre a tradição do benzimento em Tracuateua, no estado do Pará, admitem que o conhecimento tradicional das benzedeadas “não é levado em consideração pela medicina convencional. A maioria dos pacientes dos benzedeados enfrentam resistência quando relatam aos profissionais médicos que fazem tratamento paralelo junto aos benzedeados”.

Essa resistência encontra suporte no sentido de o conhecimento científico ser hegemônico em detrimento do tradicional, mesmo este sendo entendido pelo senso comum como inalterável e estático. Diante disso, Cunha (2007, p. 78), ao abordar o conhecimento tradicional, revela que:

[...] Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores.

Aqui, a autora evidencia um dos erros cometidos ao se imaginar a tradição como algo imutável e estático, tendo em vista que a tradição está ligada à memória e esta, de acordo com Bergamaschi e Medeiros (2010, p. 65), “tem mais liberdade, pois ela seleciona, a partir dos anseios individuais e coletivos do presente, os fatos que devem e podem ser lembrados ou esquecidos”, sendo assim, a memória é seletiva e transforma a tradição, mesmo que de maneira pouco perceptiva.

Um dos grandes desafios enfrentados para a devida utilização de temas como esse discutido nesse estudo é o de que há, segundo Bittencourt (2018, p. 128), “uma concepção de educação escolar como um campo de tensão constante entre poder e empoderamento”, principalmente no que tange ao que é determinado pelo currículo do componente de História.

Sobre o currículo, Carvalho Filho (2012) afirma que se trata de uma ferramenta utilizada pelo Estado com o intuito de dominar e manipular o sistema de ensino, através de políticas públicas que visam interferir e, por vezes, manter os sujeitos do cotidiano alienados e destacar a chamada História oficial. Bittencourt (2018, p. 144) concorda com o autor anterior, quando afirma que o “controle dos currículos pela lógica do mercado é, portanto, estratégico e proporciona o domínio sobre o tempo presente e futuro dos alunos”.

É contra esse controle que devemos lutar e desenvolver estratégias para minar seus objetivos, pois os mesmos vão de encontro à qualidade do ensino de História nas escolas e da valorização de histórias como a tradição das benzedeadas. A esse respeito, Barros (2013, p. 303), destaca a importância do estudo da História Local:

[...] Com a abordagem da História Local os alunos passam gradativamente a observar e perceber o significado de outras matérias construídas no passado; a compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus

habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais; que estas identidades são diversas, mas todas merecem respeito.

Percebe-se como o estudo de História Local é importante para a formação escolar na Educação Básica, principalmente no que tange a construção de identidade e ciência de sua participação e de outros cidadãos na construção e nas mudanças da História vivida a partir de nossa região.

Vale ressaltar que, o estudo de História Local em nossa região amazônica, também implica na valorização dessas mulheres amazônidas que exercem o ofício de benzedeadas, cabendo em nosso estudo a discussão sobre a participação feminina na historiografia, tendo em vista que são figuras silenciadas na história, como bem apresenta Colling (2010, p. 36), em sua obra “O currículo de História e as relações de gênero hierarquizadas”, confirmando que “a história do Brasil, como a dos povos ocidentais, é uma história masculina onde não sobrou espaço para mulheres”.

Concordando com a autora acima, Rago (1998, p. 92), ao investigar o gênero historicamente, destaca que:

[...] Fundamentalmente, passamos a perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente por determinações biológicas, como propôs o século 19, mas sobretudo por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente.

Historicamente as mulheres são colocadas em segundo plano como esposas, mães, irmãs, ajudantes, pecadoras, dentre outras nomenclaturas, o que revela preconceito e discriminação em uma sociedade e história marcadas pelo falocentrismo, tornando necessária a reflexão sobre a construção histórica e observação de nossas demandas (Colling; Tedeschi, 2015).

Considerações finais

A pesquisa, a qual nos comprometemos a desenvolver, está de acordo com a responsabilidade que cabe ao professor/pesquisador no que tange a produção do conhecimento e investigação de fenômenos que possam auxiliar no desenvolvimento do senso crítico e cognitivo do estudante.

Neste caso, o estudo buscará proporcionar, além de conhecimento e construção do conhecimento, a valorização e visibilidade da tradição e das narrativas das benzedeadas, dessas mulheres, que há tempos fazem parte de nossa História, mas que, por vezes, estão excluídas dos conteúdos estudados nas salas de aula das escolas no estado do Amapá.

Vale lembrar que essa exclusão é balizada por legislações que não dão oportunidade de nossos estudantes reconhecerem traços da cultura de sua região nas aulas de História Local, como o próprio RCA, que perpetua um ensino que deixa de lado várias possibilidades e grupos marginalizados, preterindo uma educação com temas e abordagens hegemônicas dentro da historiografia.

Contra essa situação, Carvalho Filho (2012, p. 84) afirma que “é preciso também articular a produção historiográfica ao ensino de História, de maneira a problematizar o processo de produção-reprodução do saber histórico escolar”. É produzindo pesquisas e saberes voltados para o ensino de História Local que poderemos alcançar sucesso contra o sistema de poder que rege a educação.

A tradição das benzedeadas está presente em nossa sociedade, devendo ser parte de nossa História Local e estar presente nas aulas, assim como no currículo oficial, pois a valorização deste componente possibilita a construção da identidade dos alunos como sujeitos e sujeitas que fazem parte da história, assim como agentes de sua comunidade (Fernandes, 1995, p.44).

Sendo assim, o presente estudo buscará realizar da melhor maneira a utilização da tradição e das narrativas orais das benzedeadas ao ensino de História Local através de *podcast*, com o intuito de oportunizar a sua discussão nas salas de aula do Amapá, além de, com a ajuda dessa ferramenta de áudio, tornar esse ensino atrativo e significativo para os educandos.

Referências

AMAPÁ. **Referencial Curricular Amapaense**. Macapá, 2019.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. **Revista Criar Educação**, Porangatu, v. 2, n. 1, p. 301-321, Jan/Jul, 2013.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 55-75, 2010.

BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos; VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. “Se eu não fizer o bem, o mal não faço!”: O sagrado afroindígena vivenciado pelas benzedeadas do quilombo do Cria-ú no Estado do Amapá. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 123-137, Mai/Ago, 2020.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o Ensino de História. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, p. 127-149, 2018.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 06 fev. 2023.

CARVALHO FILHO, Roper Pires de. Ensino de História: Políticas Curriculares, Cultura Escolar, Saberes e Práticas Docentes. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n.2, p. 82-101, Jul/Dez, 2012.

CASTRO, Rita Cassia de Quadros; VILLACORTA, Gisela Macambira. O ofício de benzer como produção de conhecimento no município de Tracuateua–PA–Amazônia–Brasil. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 9, n. 1, p. 143-161, Março, 2021.

COLLING, Ana Maria. O currículo de História e as relações de gênero hierarquizadas. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 15, n. 2, p. 35-44, Jul/Dez, 2010.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 28, n. 53, p. 295-314, Jan/Jun, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **REVISTA USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, Set/Nov, 2007.

CRUZ, Sônia. O podcast no ensino básico. 2009. in Carvalho, Ana Amélia A. (Org.) (2009). **Actas do Encontro sobre Podcasts**. Braga: CIEd, 2009.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a história local. **Ensino em Re-vista**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 43-51, Jan/Dez, 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 125-141, Jan/Jun, 2006.

FREITAS, Suzinalda de Souza; SARDINHA, Antonio; SILVA, David Júnior de Souza. Comunicação e cultura na prática de benzimento: um estudo, a partir da folkcomunicação, da prática de benzedores da Comunidade Corre Água do Pírim, no Amapá, Amazônia brasileira. In: SARDINHA, Antonio Carlos; LIMA, Verônica Maria Alves; LARA, Eloina Castro; BELMONTE, Valeria. (Org.). **Decolonialidade, comunicação e cultura**. Macapá: UNIFAP, 2022.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e Tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em Ensino de História. **Revista Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 21, n. 28, p. 15-32, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, Amanda Evelyn Silva; SANTOS, Isis Tatiane da Silva dos; SARMENTO, Keith Mayane Maciel de Sousa. **A Invisibilidade dos Saberes Tradicionais: Benzedeadas e Rezadeiras das Comunidades do Quilombo do Curiaú e São José do Mata Fome**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2016.

MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Claudio São Thiago. Benzedeadas e benzedeados quilombolas- construindo identidades culturais. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 1, p. 3-14, Jan/Mar, 2018.

MENEZES, Javert. **Arte do Benzimento: Orações, Rezas e Benzeduras**. 4ª ed. rev. São Paulo: Alfabeto, 2019.

RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998.

SILVA, Victor Augustus Graciotto. **Benzedeadas**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2013.

SOUZA, Raone Ferreira de. O Podcast no Ensino de História e as Demandas do Tempo Presente: Que Possibilidades? **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, n. 11, p. 42-62, dez. 2017.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In KI-ZERBO, J (org). **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**. Tomo I, São Paulo, UNESCO, p. 157-179, 1982.

Recebido em 18 de dezembro de 2023.

Aceito em 23 de fevereiro de 2024.